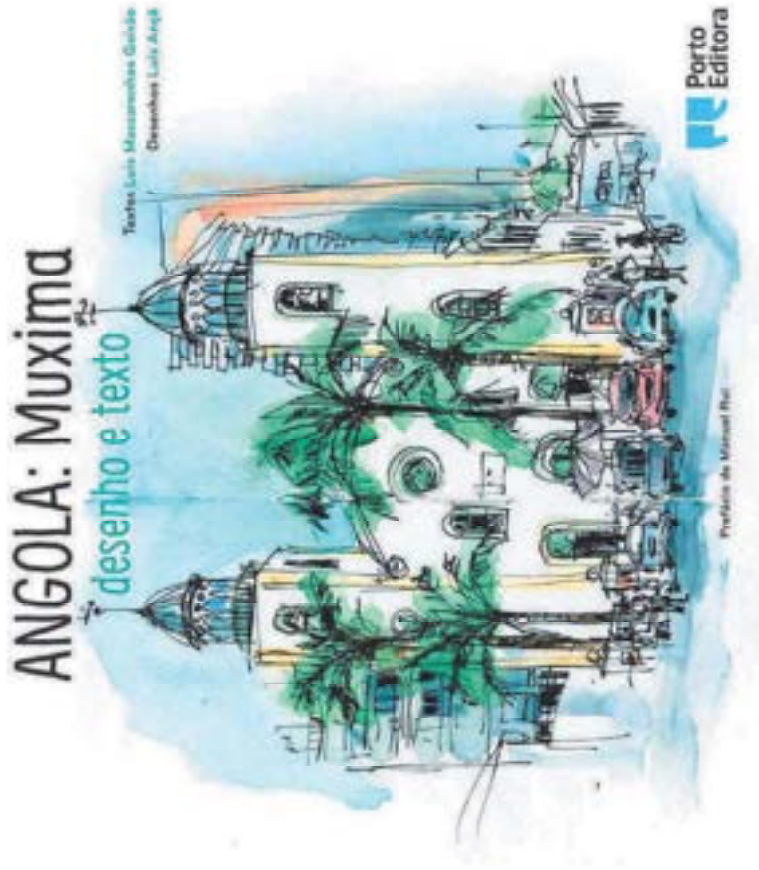




EXPO itinerante "ANGOLA: MUXIMA, DESENHO E TEXTO"

Esta Expo vai itinerar e transportar com ela muitos mundos. Fomos a Angola, entre 31 de janeiro e 13 de fevereiro de 2015, o coração ansioso por retratar exato, em desenho de urban sketching e num aluandado urban texting, um povo admirável e o meio social e cultural em que se exprime, esperando a conclusão do livro a tempo de homenagear o 40º aniversário da independência (dipanda, em quimbundo), em 15 de Novembro desse ano.

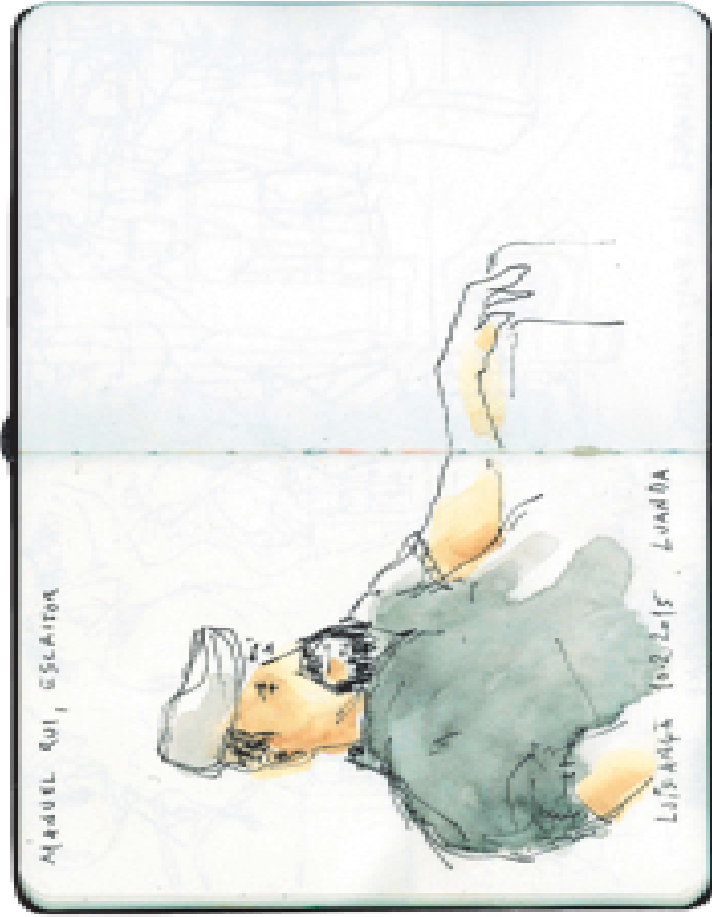
A Senhora da Muxima, a Klanda, muitos cazumbis e os cidadãos com que deparámos nas ruas e becos ou rios e matas, ou praias e estradas, as zungueiras, os agentes policiais, os transeuntes, os jovens, os kotas, enfim, gostaram da nossa missão, e diziam: "és artista", "me põe também no desenho", ou acrescentavam um pormenor "falta o quintalão da igreja!", "xé, bem bonito", "quando posso ver isso no livro?" e até diziam "és cuidado!"

Esses mundos estão no livro de onde esta Expo se recitou: pessoas e vidas, imagens e memórias, corações trocados em oferta, e a admiração sem limites por um povo único, digníssimo, aliado da amizade e da partilha, onde sobreleva a tudo o mais a vontade de viver.

O projeto ambiciona editar mais três livros: faltam os volumes que dizem respeito ao Norte, ao Sul e ao Leste de Angola. Os recursos foram mínimos e o livro é milagre. Jamais podemos esquecer a única empresa que patrocinou a nossa fé e vontade, a Conduril-Sucursal de Angola.

Nos dias inaugurais desta itinerância pelo país fora os dois autores farão, juntos sempre que possível, uma palestra a narrar esta viagem e o projeto que lhe deu base e nessas sessões haverá uma mesa com exemplares para venda.

Os autores: **Luís Mascarenhas Gaivão** e **Luís Ançã**

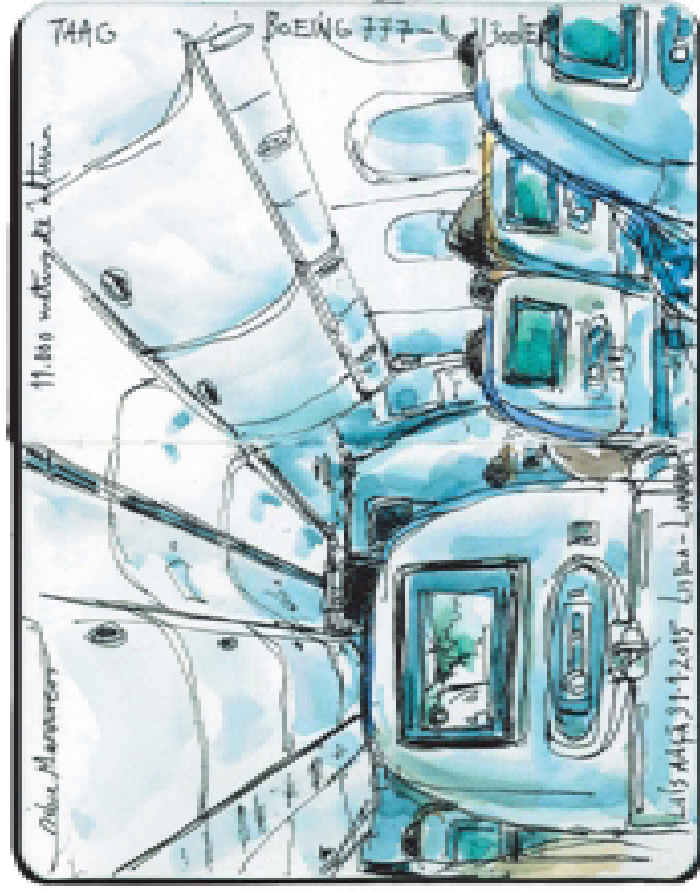


DESENHOS ESCRITOS E PALAVRAS DESENHADAS

O desenho ocupa o primeiro passo do ser humano sobre o que fazia para ver e para que fosse visto pelos outros. Foi assim na Pré-História, a criatividade. Mas o desenho feito nas paredes das grutas tinha consigo mistérios daquilo que se descobre e pode chamar a caça ou impedir as tempestades. Quando as mãos do homem começaram a desenhar não se imaginaria que muito tempo depois estaríamos na informática. Na verdade, foi no tempo da necessidade de codificar a comunicação oral que se desenharam os signos que levaram o Homem à escrita, ou seja, a desenharmos letras.

No meu tempo de escola primária, em cada linha do caderno, a minha mãe ou a professora – que havia o caderno de casa – desenhavam em cada linha uma letra que eu repetia o desenho da letra até ao fim da linha com a consciência de que as letras mais parecidas com a matriz do lado esquerdo eram letras bonitas. Aprendia-se a ler desenhando letras. Depois, com o direito a lápis de cores era uma autêntica descoberta do nosso imaginário, a roda era uma chateira e o guiador da bicicleta ainda mais e foi assim na aprendizagem da vida com o desenho até chegarmos à nossa assinatura, uma espécie de desenho identitário.

Manuel Rui



DT 651 BOEING 777-300 ERLIS LAD Economy 31 Jan 21E e 21F

Aquilo que estávamos a sentir era mesmo avião angolano, bué estiloso e bangão, 293 passageiros bem tratados a 930 km/hora e a 11 000 metros de altitude sobre Marrocos, no caminho da terra da palanca negra gigante. Hospedeiras e assistentes no serviço com dedicação profissional e simpatia para além.

A Senhora da Muxima viajando também na tranquilidade do voo, dentro da fuselagem do aparelho e no recebimento dos voos dos passageiros respeitosos. Estes, se via, já habituados no longo curso da TAAG.

E, assim, no início dessa viagem que nos transportou na cidade da Kianda para a realização deste livro com as impressões positivas dos cazumbis que também nos protegiam das makas, lhes iremos desenhar e narrativizar as maravilhosas coisas que experimentámos e como Angola está-se posicionando, bem viva de progresso.

Com a nossa "muxima, desenho e texto" e dois grandes kandandos,

GAIVAO/LUISMR

ANCA/LUISMR



TRIPULANTES: COMISSÁRIO GELSON RIBEIRO E CHEFE DE CABINA GRECE LOPES NA GALLEY DA RETAGUARDA

Os tripulantes do voo 651 LIS-LAD, classe Economy, não estavam a economizar em simpatia nem no profissionalismo e rigor atento aos passageiros e a todas as coisas daquele voo.

Tripulantes de 1.ª classe estes comissários e as comissárias e a chefe de cabina deles, todos revelaram um desempenho de excelência: eficientes, práticos, atenciosos e alegres.

Bem servida está a TAAAG – Linhas Aéreas de Angola com esta qualidade que estamos com elai.

Assim, a nossa Economy teve cheirinho a First Class de simpatia. Mamã Muxima nos abençoava e a Kianda esperava nossa chegada.



LARGO DA MUTAMBA Município das Ingombotas

Aqui, na muxima da cidade, se concentram as vias urbanas que, como um delta fluvial, desembocam pessoas, carros, tráfego e se tem a noção do que é a vida em Luanda.

Esse edifício majestoso encimando o desenho é o Governo Provincial, no tempo colonial era a Câmara Municipal de Luanda.

A Mutamba tem tudo: sentados num banco comprido se encontravam conosco alguns indivíduos que tinham adormecido, calor e zunzunar dos carros e vozes de falar alto em Luanda convidavam. Depois tem táxis: "Táxi-Família Real do Moxico", "Palanca-Táxi", "AlloTáxi", uma novidade bem utilitária, tem candongueiro coletivo que grita "São Paulo", "São Paulo", "Cazenga", "Cazenga", "Rocha Pinto" e por aí fora, levando as pessoas e transportando imbambras no dia-a-dia de viver. Tem grandes edifícios, Ministério das Finanças não se vê, nas costas, edifício bangado de vidro e arcos de arquitectura e tem árvores bonitas, qual é a árvore em África que não é bonita? Tem lojas, zungueiras, cafés. E as pessoas passam, atravessam com dificuldade as ruas onde o trânsito é quase intransitável, vêm de tantos lados e trazem tantos mundos e todos vão desaguar na Mutamba, largo da muxima da cidade, bumbando sem parar, ninguém vai parar Angola.



BAIÁ DE LUANDA, VISTA DA FORTALEZA (Museu das Forças Armadas)

Município das Ingombotas

A baía de Luanda localiza-se em frente à cidade e é enquadrada pela Ilha do Cabo, oferecendo um magnífico porto de águas protegidas. Paulo Dias de Novais estabeleceu aqui a fundação da cidade (1575), numa zona chamada Cidade Baixa, onde grande parte da população vivia. Na outra parte da cidade mais elevada, a Cidade Alta, localizava-se a administração e os edifícios militares.

Uma das mais belas baías do mundo, ali tem residência a Kianda, por vezes aparece à tona de água com suas pulseiras de coral e colares de algas só pra confirmar se estão tratando bem da sua cidade.



AVENIDA MARGINAL – UM SONHO DE MEMÓRIAS

Município das Ingombotas

Nessa nova Avenida Marginal, esse senhor, já um tanto kota, se sentou defronte da baía, a morada mais bela de todas as que a Kianda, Barona de Luanda, escolheu como sala para receber as visitas.

Era cedo quando comprara o jornal e trazia no rádio portátil a música que sembrava no calor de aumentar. Se encontrava entretido a ler as notícias, quando um entorpecer dos olhos da mente e um pestanar dos olhos mais fraco lhe fizeram tomar a cabeça, por diversas vezes endireitada, até que ficou assim, dormindo sem parecer, o rádio sembrando e o sono lhe induzindo promessas.

Foi então que a Sereia lhe apareceu e lhe invadiu em sonho de memórias de tanta vida, sofrimentos e trabalhos e, depois de lhe abraçar como Princesa do Mar, lhe soprou no coração que, agora, daqui para a frente, viveria unida com ele para sempre. E neste angolano já kota se desenhou um sorriso futuro, no sonho daquele rosto cansado.



BANCO DE ANGOLA, AVENIDA MARGINAL

Município das Ingombotas

Tu estás diante de Sua Excelência o Banco de Angola, um edifício estiloso na imitação do clássico, que data de 1956. Como casa fabricadora e guardadora dos tetratrifões de kwanzas, ele se apresenta com banga específica do capim alto, calubungo de kumbú.

Se estás a dar ferro com ferro, não vais poder entrar nele, só com dodós ou kitongola que kuatares na vida te deixam penetrar, até podes dar na gasosa só para vaidades da bufunfa, instrumento do desenvolvimento do respeito, nesses tempos neoliberalizados, é assim!

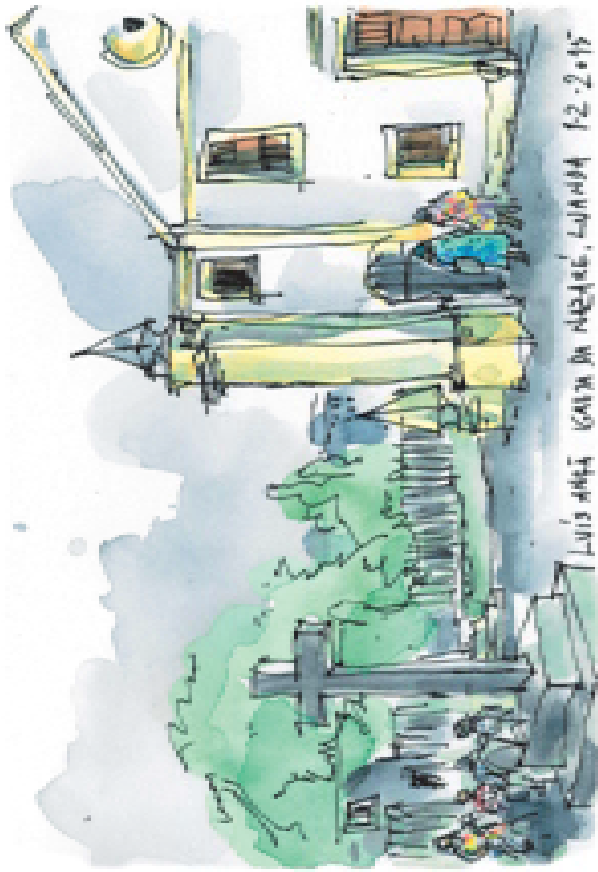
Nós dois, autores dessas narrativas, nos encontrávamos no passeio em frente da grandiosidade do banco para desenhá-lo e descrevê-lo, quando o telemóvel/celular – que se encontrava desligado – produziu várias tentativas de sonizar uns avisos misteriosos, parecia eram maiombolas de música de mar! Qual a origem dessa kipa, se estava desconectado? Só mais tarde lhe consegui decifrar: um quimbanda meu avio antigo, morador ali na Mutamba, me garantiu: Ôi, Kamba, estás a receber mensagens da Kianda! – disse ele. Quando ela se gosta, toca esse kissange nos dedos dela, som de kalunga. Então me retransformei nos

IGREJA DA NAZARÉ, AVENIDA MARGINAL

Município das Ingombotas

Este lugar sagrado de peregrinação bué de antigo, data de 1665. Se construiu para comemoração da vitória dos portugueses contra o rei António I do Congo e aliados. Essas máscaras da história em que hoje tu és amigo, amanhã és inimigo, se posicionavam com intensidade no xadrez político desse tempo, assim: já sabemos que a cidade de Luanda se fundou em 1575 com o Paulo Dias Novais nas terras do Reino do Ndongo, que não gostou do vizinho, é natural. Ehi! Os holandeses, depois, atacaram Luanda (1641) e se instalaram ali, com o apoio dos reinos angolanos. Os portugueses, então, se disseram “vamos mas é pra Massangano, e ali fizeram uma fortaleza que nunca foi conquistada”, mesmo com ataques de jagas, holandeses, ambulais, etc. Em 1648, os portugueses recuperaram Luanda contra os holandeses e sucedem, então eventos militares, por exemplo com o Reino do Congo que era principal e soberano e se encontrava aliado com os holandeses e com os outros reinos subalternos.

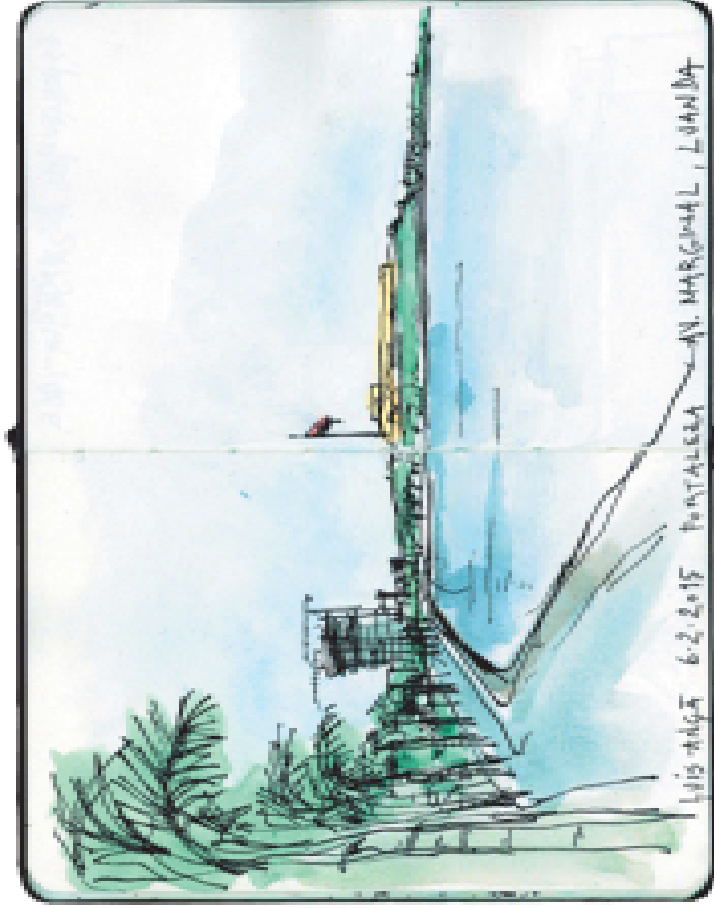
Por isso os portugueses fazem a invasão do Reino do Congo, aliado de antigamente, agora inimigo (1662 – Batalha de Mbumbi),



mas o rei D. Pedro II lhes trava na invasão com a Batalha de Mbamba. Intencionalmente, os angolanos queriam era expulsar os portugueses e estes não queriam sair e os holandeses queriam-se aproveitar. Até que no dia de Outubro virte e nove de 1665, os reinos de Ambulla, Congo e Ngola travam uma batalha, xé, nem te quero contar! Mais de 30 000 homens, 15 mil de cada lado e os portugueses saem vencedores. O D. António I, já lhe descrevi, foi morto e o Reino de Ambulla ficou na obediência aos portugueses.

Ora, os mais velhos dizem que D. António se encontra enterrado na Igreja da Nazaré que inscreveu nos azulejos artísticos das paredes esses mambos da História de Angola, na época inserida na política estratégica transatlântica. Isso tinha a ver com o tráfico dos escravos que se fazia e eram depois levados para a América e Europa, nos navios da vergonha negra.

Mas tu podes rezar na Senhora da Nazaré, que Ela se encontra inocente, nunca inspirou guerras nem escravaturas, só se Lhe atribuem indevidamente essas calúnias, ou então Lhe pede na Santa Ifigênia, uma santa bem moreninha da Etiópia que vive ali num altar e tem a profissão de proteger os africanos.



FORTALEZA/MUSEU DAS FORÇAS ARMADAS

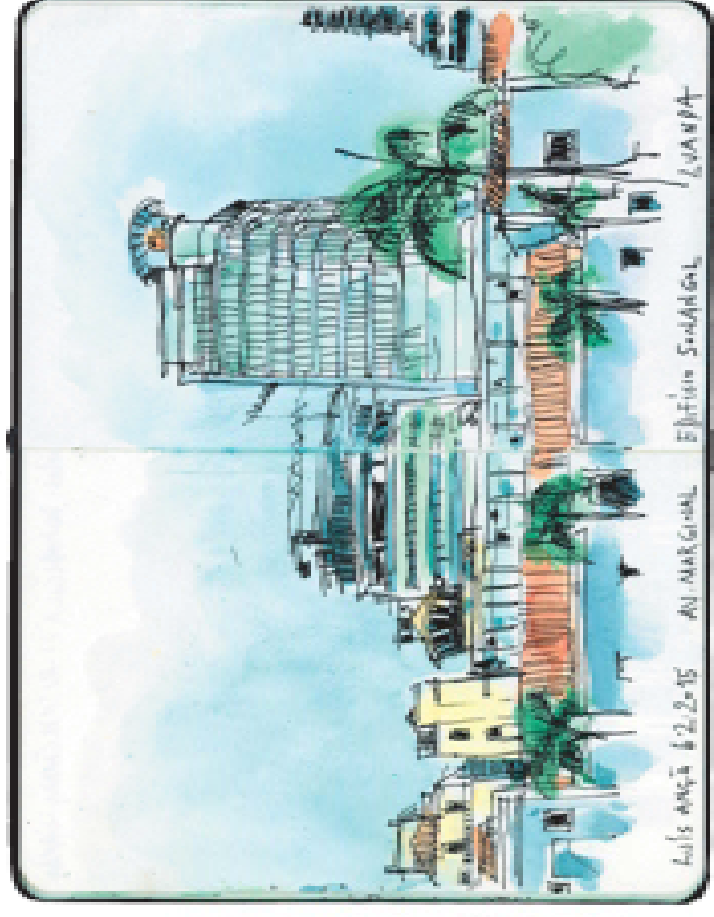
Município das Ingombotas

Foi o Paulo Dias Novais que construiu um primeiro forte (1575) nesse local, dominante da baía. Depois, ele foi abaixo e sofreu obras e ampliação em diversas ocasiões, até que, quando os holandeses conquistaram a cidade lhe chamaram de "Aardenburg". Durante sete anos os portugueses foram empurrados para Massangano, mas quando voltaram a conquistar Luanda (Salvador Correia - 1648) logo, logo lhe chamaram de "São Miguel" e sofreu muitas remodelações para cumprimento das funções militares e ainda de prisão de degredados, que eram os condenados de delito que vinham para ali cumprir a pena.

Imponente fortaleza, é monumento nacional desde 1938 e também foi Museu de Angola.

Utilizado como quartel-general das Forças Armadas portuguesas e, depois da dipanda, das angolanas. Mas a importância da estratégia militar da fortaleza se diminuiu, então virou Museu Militar.

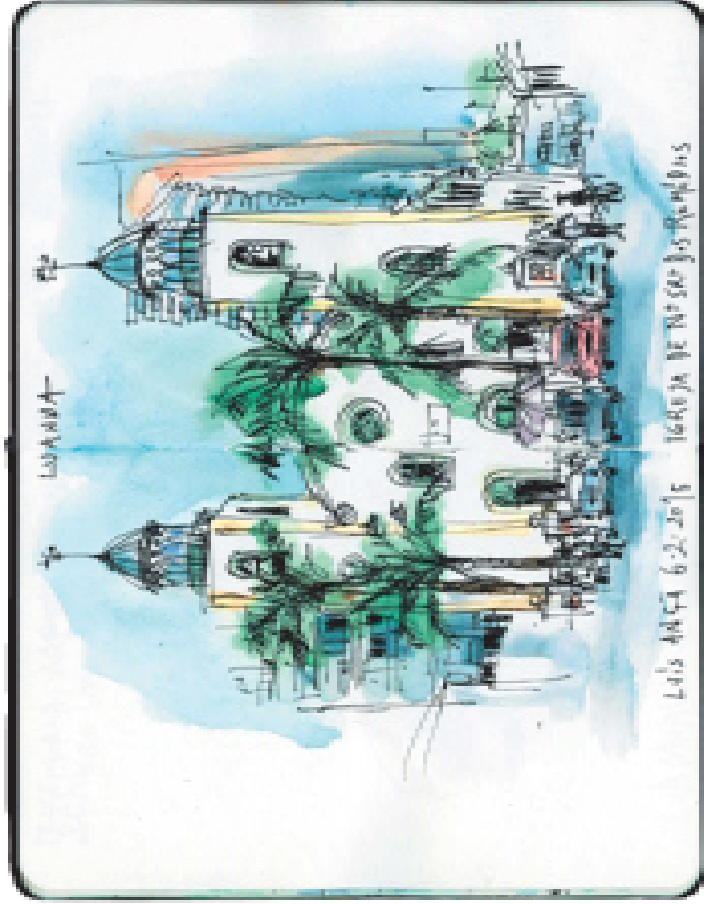
Em 1995, reforçaram-lhe toda a estrutura que se encontrava em degradação e agora se apresenta nos brilhos. Utiliza-se para eventos culturais e sociais e o museu está muito cuidado.



EDIFÍCIO SONANGOL

Município das Ingombotas

2008 - Inaugurado este prédio, edificado para sede da empresa dos petróleoos. Petróleo, tu sabes, é de vitalíssima importância na economia estatal e também na liberal ou até na neoliberal. Na volta desses mambos do petróleo se dá procedimento a muita bufunfa que depois pode percorrer nas esquindivas se tu não tens kalundús te protegendo. E essas de economia global que na utilização do esquema vão de caxexe te baquilando com aqueles gapses de ficar com cara de lado! Mas o edifício está esculú e é dos maiores, indicando que a pós-modernidade já se instalou aqui na cidade da Kianda.



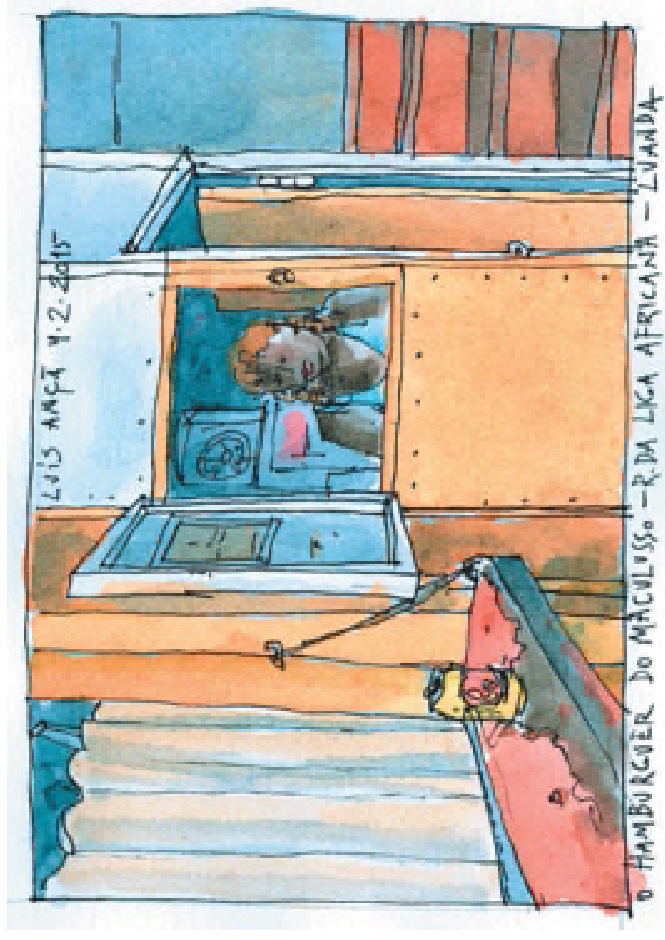
IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS (1651) RUA RAINHA GINGA Município das Ingombotas

Quando a construção acabou, era a rainha dos edifícios pelo tamanho e imponência. Assim, foi-se continuando até que se transformou em pequena, apertada entre os novos arranha-céus da vizinhança, lhe esmagando na solenidade própria da casa de Nzambi.

Agora kota, a Igreja dos Remédios continua embelezando a cidade, guardando na memória o tempo em que foi catedral e arquivando nas suas paredes orações aflitas e promessas de cumprimento.

À satisfação dos pedidos rezados, a Senhora dos Remédios costuma atender e o povo crente lhe continua prestando homenagem.

– "Xé" – exclamou, sorriso aberto, o transeunte vestido com fato-macaco de empregado numa empresa de Luanda – "está igual, só falta o quintalão!" E o adro da igreja foi, então, desenhado!



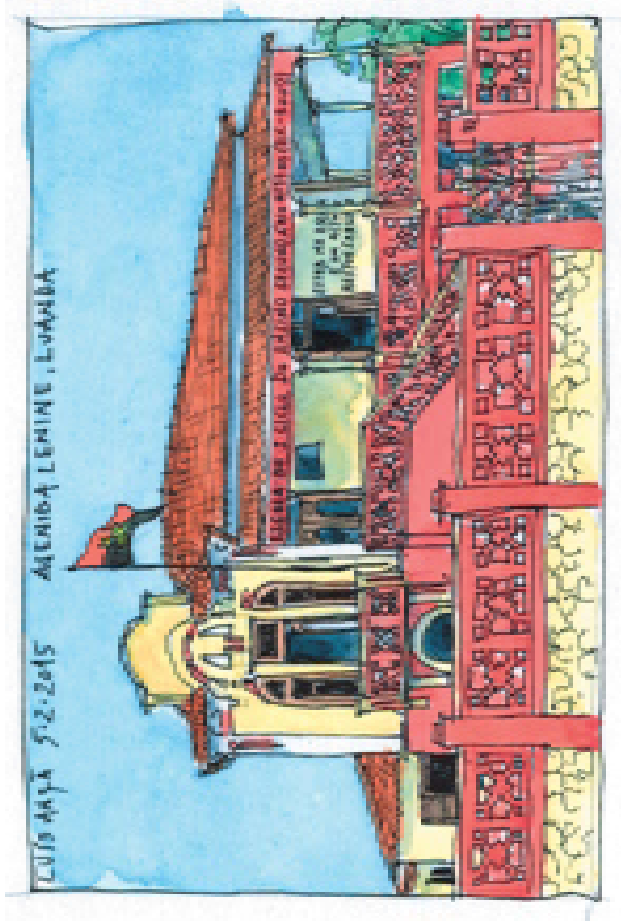
O "HAMBURGUER DO MACULUSO" Município das Ingombotas

Trinta e cinco graus de temperatura debaixo das acácias e o céu nublado e húmido, a transpiração empapando e manchando as roupas.

Desenhar e tomar apontamentos de escrita dificultados nessa sufocação e a procura de um refrescamento das ideias e artes. Então, ali quase em frente da Liga Angolana de Amizade e Solidariedade com os Povos (antigamente sede da Liga Nacional Africana), na rua com este mesmo nome, surgiu como magia o "Hamburguer do Maculuso": Saíram duas Cucas geladas, servidas pela reservada Gelsy, empregada de serviço.

Então, continuámos a bumar no trabalho...

Uns avilios nos confirmaram que ali tem um excelente hambúrguer, dos mais deliciosos. Vamos voltar!



ESCOLA DO 1.º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO N.º 1100 (EX-3002)

AV. LENINE. Município das Ingombotas

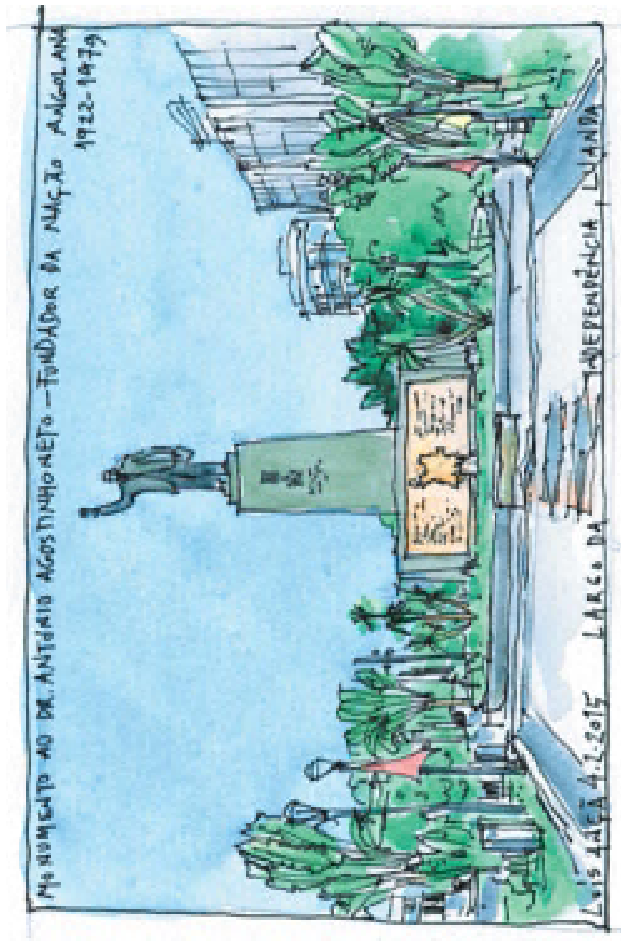
Uma das muitas escolas recuperadas no grande investimento que Angola tem feito pela melhoria do sistema educativo por todo o País.

"Estar na Escola é um Acto de Responsabilidade" e "Na Escola respira-se a Lei, a Moral e a Cultura" pode--se ler pintado nas paredes. Um desafio social na educação cívica dos jovens angolanos que bem poderá ser copiado noutras paragens.

Uma escola pintada de amarelo e castanho-avermelhado e com curiosa escadaria em curva.

No passeio apertado, passava um vendedor de gelados com suas músicas, lançando o cerco aos candengues encalorados.

Logo em frente, o Liceu Mutu-Ya-Kevela continua a sua recuperação. Um ícone da cidade!



LARGO DA INDEPENDÊNCIA

Município da Maianga

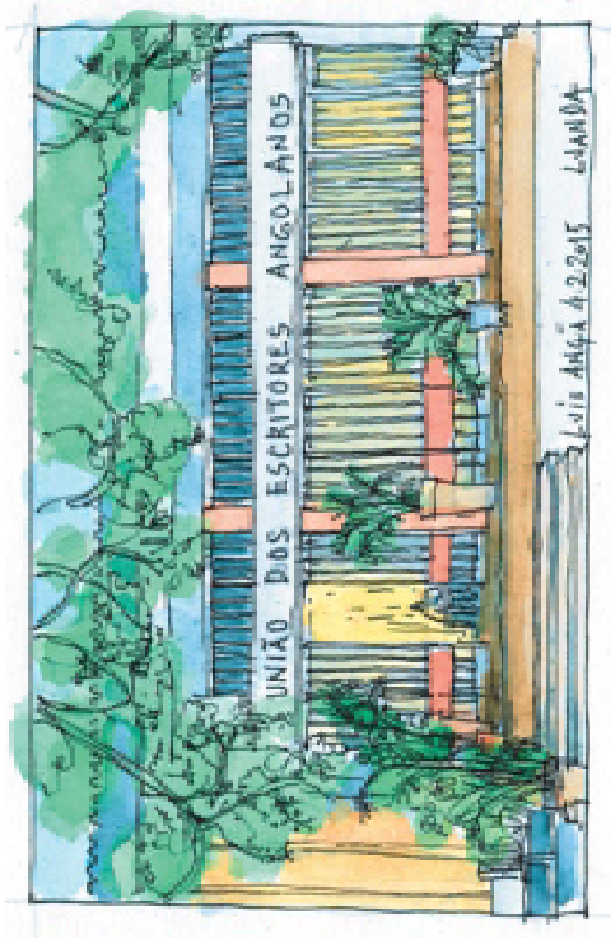
Bandeiras dançarinas vermelhas, amarelas e pretas estão penduradas nos postes da imponente rotunda central de Luanda e ajudam na construção do imaginário nacional. Agentes policiais controlam o imenso tráfego de viaturas.

Jardineiros provinciais embelezam constantemente o espaço reservado ao sentimento e alma angolanos e as palmeiras de leque se dobram respeitosas no cumprimento do herói nacional.

Senhoras descansam nos bancos à volta e equipas de manutenção realizam, noite e dia, a conservação do monumento ao Dr. António Agostinho Neto (1922-1979), fundador da Nação.

Aqui se reencontra, provindo de todas as culturas e povos de Angola, a "Sagrada Esperança" que, um dia, desperfou na vontade do poeta: "Eu já não espero, Sou aquele por quem se espera." E a Esperança chegou. 11 de Novembro de 1975.

Transeuntes exclamaram enquanto se fazia o desenho: "Bem desenhado!", "Mele a mim desse lado!", querendo, igualmente, figurar ao lado do Presidente. A Esperança Sagrada da Liberdade cumpriu-se. Viva Angola independente!



UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS (AV. HO-CHI-MIN, LARGO DAS ESCOLAS, 1.º DE MAIO)

Município da Maianga

Agostinho Neto foi o primeiro Presidente da Mesa da Assembleia-Geral, quando foi criada em 1975. Nessa sessão encontram-se outros intelectuais: Luandino Vieira, Arnaldo Santos, António Jacinto, António Cardoso, Jofre Rocha, Fernando Costa Andrade "Ndunduma", Aires de Almeida Santos, Uanhenga Xitu, Adriano Botelho Vasconcelos, Garcia Bires e João Melo, entre outros.

A UEA se concentra nas actividades de promoção e desenvolvimento da angolidade, do estudo das tradições culturais e fornece o apoio necessário aos escritores na formação, edição e divulgação das obras, através da biblioteca, de conferências, exposições e Internet.

Há quarenta anos que cumpre a missão, com poder de adaptação intelectual à evolução dos condicionalismos sociopolíticos que vêm marcando a História de Angola.

Inserida numa zona com frondosas árvores, possui um horto com grande variedade de plantas, entre as quais o pulmão, a inveja, a begónia, o feio gigante, a maranda, a lulua e muitas árvores, como a palmeira cubana "areki", a palmeira de leque, a acácia americana, a acácia rubra, a mangueira, etc.

É bom ir na UEA.

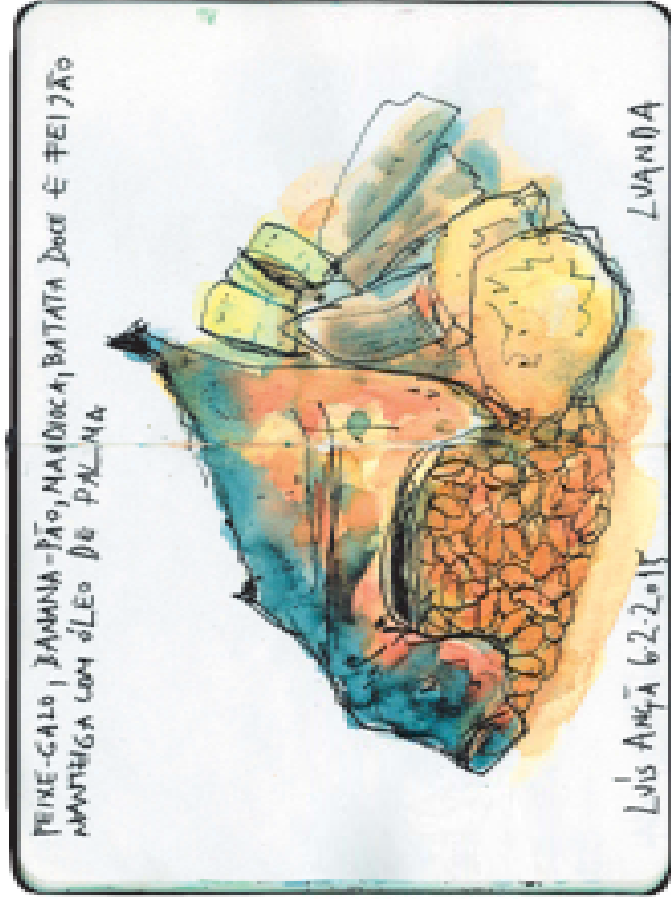


MAIANGA, AV. MARIEN NGOUABI

Município da Maianga

Quando vens da Av. Marien Ngouabi, vulgarmente conhecida por António Barroso, e pretendes ir para a Mutamba, tens de passar pelo Largo da Maianga, ou, então, se vens da Rua Amílcar Cabral e vais no aeroporto ou ainda se atravessas pela Kwame Nkrumah, passas também ali.

No século XVI havia aqui uma lagoa onde os elefantes vinham beber, a Lagoa dos Elefantes. Havia igualmente um poço de água potável que abastecia a cidade de Luanda. É sede de um município muito importante e populoso da Província de Luanda. No centro da cidade, é hoje das zonas mais procuradas para habitação e comércio.



MUFETE COM PEIXE-GALO

Prato típico da ilha de Luanda. Este tem peixe-galo grelhado (pode ser também cacusso ou carapau), feijão--manteiga, com óleo de palma, batata-doce, banana-pão e mandioca (farinha musseque) e vai acompanhado de molho de cebola, vinagre, azeite doce, gindungo e sal.

O sabor é divino e lhes aconselhamos, leitores, a procederem como os "mais velhos" da ilha, que costumam comê-lo três vezes por semana, mas o mufete é também devorado aos sábados e nas festas, sempre há festas em Luanda sem parar. De tempero e gostosura na tradição, um dos emblemas gastronómicos mais fortes de Luanda.



CATETE, LOJAS DE COMÉRCIO Município de Ícolo e Bengo

O colorido forte dos tons picóricos e a sua mistura enquadrada num lado a lado de alegria e vida, nomes de estabelecimentos que gritam espontaneidade, clima muito quente e zona amplamente arborizada e bem tratada, assim se vê Catete, a partir do portão do Centro Cultural Agostinho Neto, nas costas.

Terra natal do Dr. Agostinho Neto (aldeia de Caxicane), primeiro Presidente de Angola.

O centro cultural em sua homenagem é a sua maior construção e foi inaugurado a 4 de Fevereiro de 2009.

Outras duas individualidades destacadas na literatura e política também são de Catete: Mendes de Carvalho (Wanhenga Xitu) e Roberto de Almeida (Jofre Rocha).

Passava, ali, neste momento, na rua, uma senhora, lançando bem alto, tímbrado e cantado o prego: "Cacussóóóó! Bóborááá!" e caíram dois-três pingos grossos de uma chuva adiada.

Lindo! Lindo! Lindo!



CABALA, RESTAURANTES À BEIRA-RIO

Município de Ícolo e Bengo

Tem cerveja? - perguntei na Dona Cáia. Tem, sim, e foi embora buscar num grandalhão saco de plástico uma CUCA tão fresquinha, embrulhada no gelo, melhor que congelador, Obrigado, lhe disse, respondeu Bondade, mano. As mesas se espalhavam nas redondezas, bancos, lume aberto esperando um cacusso, um bagre, um chopo, um legumes... as tendas de azul em plástico e os guarda-sóis abrigavam as senhoras vendedoras nas quitandas e o rio se deslizava no silêncio para além. Natureza, outras vendiam de tudo, roupas, pilhas, rádios, bebidas, frutas, no mercado da Cabala.

Dona Cáia, uma senhora angolana de grande formosura, se inspirava perfeitamente na beleza daquela paisagem e na simpatia do seu riso branco, branco e bonito. A paz com a Natureza e com Nzambi...



CABALA, CACUSSO FRITO

Município de Ícolo e Bengo

Cabala, onde o cacusso é saboroso.

Ali tem muitos restaurantes populares e no mercado, o Kwanza a passar majestoso e forte, junto à nova ponte (estrada para Muxima) em baixo dela, tem venda de tudo, mas o cacusso é o produto mais vendido. Tanta senhora ou sociedade empresarial de senhoras que vendem frito ou grelhado e nas bancas têm grandes sacos plásticos cheios de gelo onde nadam as cervejas a estalar! E tem abóboras de cor alaranjada doce e batata igual.

Este cacusso, dizem que pertence à família dos "péridas", espécie dos "hiápias", mas isso aí temos de descomplicar que não andamos a escrever uma obra científica.

O que é certo: peixe de muito gosto, leve e saboroso, de rio ao pé do mar (foz do rio). Acompanhamento obrigatório na conformidade do costume. Se não há vinho, a cerveja substitui com muita classe. Ali! Estou a ensalivar...



MERCADO DE SÃO PAULO

Município Do Sambizanga

Subimos o Eixo Viário com as novas construções de arranha-céus ainda à espera do seu próprio futuro e virámos à esquerda no Alto das Cruzes (reverência aos mortos, importantes ou não, todos merecem respeito), percorrendo a Rua Ndunduma (também conhecida por Rua da Maternidade, tem ali a Maternidade Alfredo Ngangula). Do lado esquerdo, o Bairro Miramar e, do lado direito, o Bairro Operário (BO). Virámos à direita e entramos no BO pela Rua Garcia Neto (militante anticolonialista) e depois à esquerda na Rua do Quicongo e com mais uns buracos (obras intermináveis!) desembarcámos no Mercado de São Paulo.

Neste percurso recordo, entre tantos nomes criativos, o nome duma casa comercial, a **SOCIEDADE TUDO É POSSÍVEL - IMPORT/EXPORT**.

Este facto tem tudo a ver com o objectivo do nosso trabalho, foi difícil mas estava a ser possível realizá-lo.

Atravessámos o BO e aqui nos sentimos em casa, operários da cultura.

Pena estar um tanto abandonado o bairro mais lendário de Luanda, bairro que foi de intelectuais, de artistas, de músicos, de amores e de prostituição, de festas de quintal, de contestação política anticolonial e tantas outras coisas dos homens e mulheres.

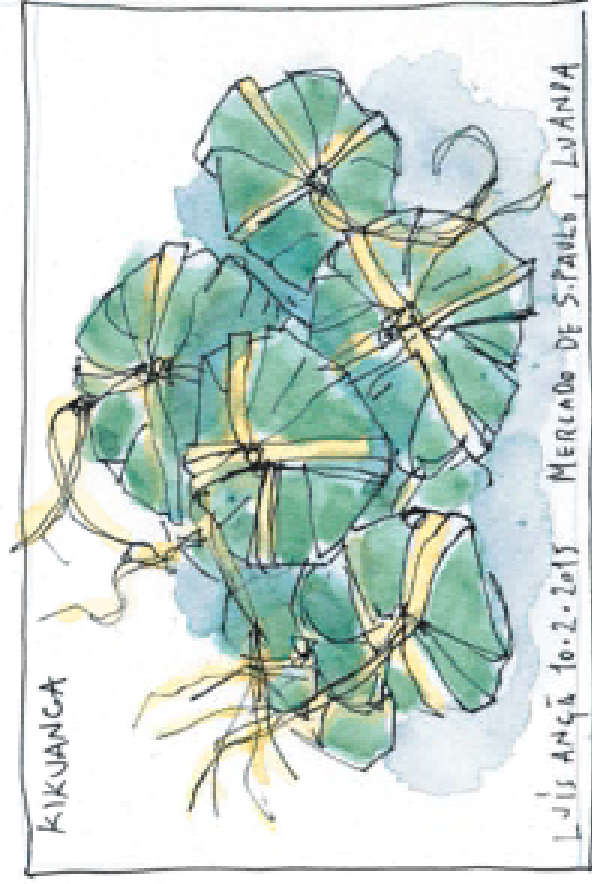
No mercado, a Senhora Teresa Januário estava atarefada a preparar a sua banca: manga, carambola, ananás, sape—sape, múcua, coco, maracujá, tomate, kisângua (milho, água e açúcar), etc., demonstrava um tanto de desconfiança ou indiferença no desenho, que se modificou ao longo da realização do mesmo. No fim gostou num sorriso confiante.

Ali perto, ao lado, um senhor apresentava uma kifaba deliciosa para acompanhar cerveja e mesmo ainda para muitas outras ocasiões.

A Dona Marcela Correia com os seus 93 anos (nasceu em 1922) estava ali cheia de vida: tinha muitos filhos, dezenas de netos (o mais velho já tinha 45 anos) e muitos bisnetos. Um encanto de senhora africana. Disse-lhe "eu também sou de Luanda" e logo ela perguntou "sabes Kimbundu?" "não" "então...," não ouvi o resto porque ela se virou para o outro lado arranjando as imbambas, mas deve ter proferido qualquer coisa como "ó que estás aqui a fazer se não falas Kimbundu?" E senti, no fundo de mim, a pena de não saber esta língua.

Percorremos as secções do mercado, um grande mercado. E ainda comprámos na Dona Nazi uns colares de missangas vistosos e bonitos, para recordação e como prendas.

Estou-me a lembrar dos cajus mais saborosos que já gostei. Do São Paulo, claro!



KIKUANGA, MERCADO DE SÃO PAULO

Município do Sambizanga

Faz-se com farinha de mandioca cozida e envolvida em folhas de bananeira. É um forte alimento rico em proteínas. Serve de acompanhamento a outras comidas, molhos ou bebidas. Aqui ressalta igualmente a arte colocada na sua apresentação, quase parecendo um trabalho de artesanato.



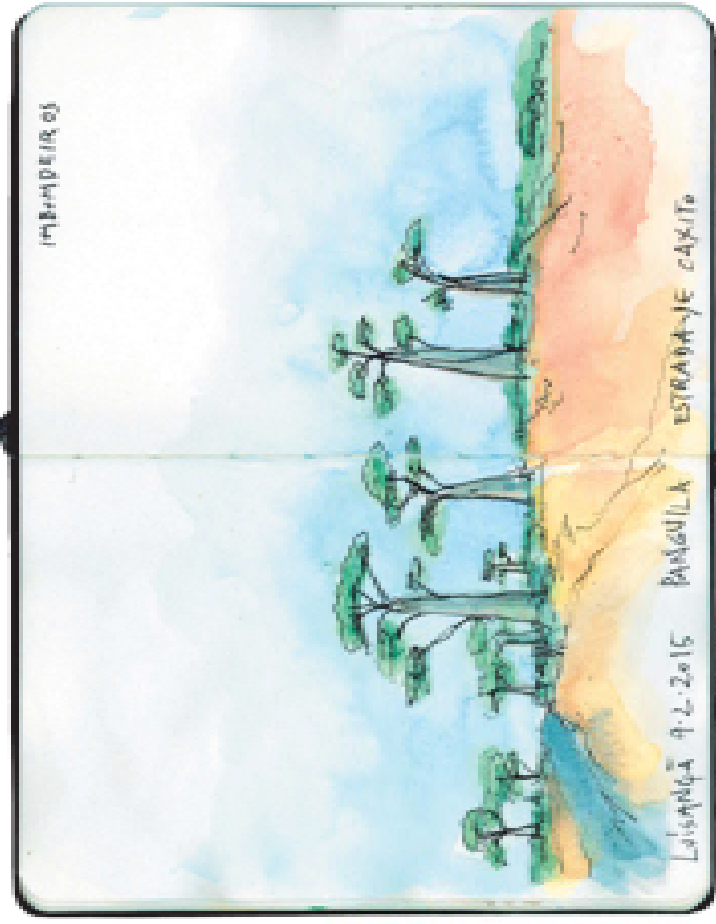
BARRA DO DANDE — EMBARCAÇÕES DE PESCADORES

Província do Bengo

Esta é terra de pescadores. Tudo com o seu ritmo, eles sabem quando vão, não alteram a rotina herdada da tradição. E trazem bom peixe, de rio e do mar. Os barcos parados significam que não é hora de ir à pesca. Uns reparam as redes, outros preparam a embarcação para o fim da tarde.

Mas o que mais ressalta é a espantosa beleza do enquadramento, as cores, o tempo, os tons de luz e do azul e verde e ocre e prata e as crianças que voltam da escola (a Mila, o Avozinho, o Pedro e outros) ao fim da manhã. Envolveram-nos e observavam com minúcia o nosso trabalho.

Nas lagoas da região há muitas lendas de kiandas... quem disse foi o Senhor Bllade, pescador e irmão do Senhor Arquer, também pescador.



IMBONDEIROS NO PANGUILA

Estrada de Cacuaco/Caxito

O município é Dande, Província do Bengo, capital Caxito. Mas a paisagem dos imbondeiros não respeita as divisões administrativas e quando encontra clima e solo lá estão eles com seus troncos poderosos e ramos retorcidos com copa pequenina e verde. Se o imbondeiro desaparecesse como espécie, muita da magia da terra ia embora com ele. Árvore mágica e religiosa, guardadora da tradição e morada dos espíritos, nós te reverenciámos e te gostámos muitíssimo. Só de te olhar parece que os nossos limites estão a comunicar com Nzambi, o Universo e o mistério da vida.



MIRADOURO DA LUA

Município da Samba

Xél Chegaste aí no Miradouro te desviando na estrada da foz do Kwanza e ficaste abuamado com tanta terra vermelha desenhada nas enxurradas, parece estiveram ali as malombolas de cazumbis extraterrestres se entretecendo no brinca-brincando com areias e terras de lama. Um espectáculo só próprio de Nzambi ou da Kianda, forças sobrenaturais que comandam a força da Natureza para deixar viver no mistério que desconheces.

Este é lugar que tu tens de visitar na obrigação de relembrar tantas coisas cuidadas desse mais belo país do Mundo.



SEDE DO MUNICÍPIO DO CAZENGA

E chegámos à sede do Município do Cazenga, que tem uma população de dois milhões de habitantes e se coloca em segundo lugar, atrás do Município de Viana. Trata-se de um município que, embora hoje se encontre colado à cidade de Luanda, na altura da independência ainda estava afastado. Com a guerra foi crescendo com as populações refugiadas ali.

É um município relativamente recente e para o qual existe um projecto de reordenamento chamado "Bola de Neve", que o apetrechará com as infraestruturas que fazem falta: saneamento, escolas, saúde e emprego.

Na ausência do administrador municipal, o dinâmico Vítor Narciso, fomos recebidos por um seu ajudante, de extrema simpatia, que nos autorizou, depois de consulta ao superior, a desenhar o edifício. Gostaríamos de ter ido aos mercados de Asa Branca, Kwanzas e Arriô-Arriô, mas o tempo não esticou.

Muita gente entrava e saía das instalações, se via o desenvolvimento a crescer. Parabéns, Cazenga.